

A BELÍNDIA É AQUI

ANA BEATRIZ MAGNO
anabiamagno@adufrj.org.br

A última reunião do Conselho Universitário, na quinta-feira, 28, foi a mais perfeita tradução de uma Universidade Federal do Rio de Janeiro que conjuga esperança com desalento.

Na primeira parte do encontro, estudantes, professores e técnicos listaram os dramáticos problemas de infraestrutura que castigam os campi nos últimos meses. Só na semana passada, tivemos falta de água cancelando aulas no IFCS, adiamento da entrada de calouros na Educação Física e a falta de pagamentos dos terceirizados da segurança.

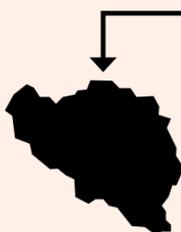
“Isso é a cada minuto. A questão fundamental é a do orçamento. É difícil fazer planejamento quando você só tem que apagar incêndio”, lamentou o reitor Roberto Medronho. “Vamos precisar ampliar a luta por mais orçamento. Não há como manter nossas atividades”, completou Medronho diante de uma plateia já sem fôlego para tantos cortes.

Já a parte final do Consuni foi de suspirar. Combinou os relatos grandiosos das mais de 6.495 pesquisas apresentadas na Siac com a notícia de que a UFRJ abrigará o Centro de Inovação dos Brics.

“Nós precisamos que a UFRJ seja reconhecida pelo que ela tem de bom. Todos lá fora nos veem assim. E dentro do Brasil também”, conclamou o professor Romildo Toledo, ao fazer o balanço de recente viagem de trabalho da reitoria à Rússia e China, em que trouxe na bagagem a assinatura de mais de 12 acordos internacionais.

O sucesso da Siac, a esperança de Romildo e o desabafo do reitor foram resumidos na análise do conselheiro e diretor da AdUFRJ, Antonio Solé. “A UFRJ é uma Belíndia e não precisa ser assim. Fomos da Índia para a Bélgica em uma hora de reunião”, resumiu, citando o clássico conceito formulado em 1974 pelo economista Edmar Bacha para definir a desigualdade que nos une e nos pune no Brasil.

Páginas 3, 4 e 5



MARATONA DE ATIVIDADES EM MACAÉ. PARTICIPE!

A diretoria da AdUFRJ está de malas prontas para Macaé.

Da última semana de novembro até 6 de dezembro, o sindicato fará uma série de atividades na “capital nacional da energia e do conhecimento”. Haverá atendimento jurídico, serviços de planos de saúde, exposição fotográfica e debate. Participe!

Confira o intenso calendário e já salva as datas:

2 A 6 DE DEZEMBRO

Exposição de fotos
Servidores da Sociedade
Local: Foyer do Nupem.

5 DE DEZEMBRO

Plantão jurídico com o advogado da AdUFRJ.
De 9h às 12h, na Sala 14A do Nupem.
De 13h30 às 17h, na Sala 309, no Bloco C do Polo Universitário do CMM;

5 E 6 DE DEZEMBRO

Consultor vai apresentar planos de saúde para sindicalizados e dependentes.

No dia 5: de 9h às 12h, na Sala 212 do Bloco B do Polo CMM; de 13h30 às 17h, na Sala 311 do Bloco B do Polo CMM
No dia 6, de 9h às 12h, na Sala 14A do Nupem.

6 DE DEZEMBRO

Seminário Ciência para o Desenvolvimento de Macaé, às 15h, no auditório do Nupem.

PARTICIPE!

Confira o intenso calendário de programação e já salva as datas:

AdUFRJ

EXPOSIÇÃO DE FOTOS SERVIDORES DA SOCIEDADE



AdUFRJ

SEMINÁRIO CIÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE MACAÉ



AdUFRJ

PLANTÃO JURÍDICO COM O ADVOGADO DA ADUFRJ



AdUFRJ

PLANO DE SAÚDE - CONSULTOR VAI APRESENTAR AS CONDIÇÕES DO PLANO PARA SINDICALIZADOS E FAMILIARES.



AdUFRJ

OBSERVATÓRIO DO CONHECIMENTO DEBATE FINANCIAMENTO DAS UNIVERSIDADES

A crise orçamentária das universidades federais, com triste destaque para a UFRJ, será o tema de um seminário no auditório Paulo Nobre do Congresso Nacional, no próximo dia 11. Organizado pelo Observatório do Conhecimento — rede de associações docentes hoje coordenada pela AdUFRJ —, o evento irá reunir entidades nacionais do setor e parlamentares em busca de soluções para o problema.

“Queremos enfatizar, à luz da situação calamitosa da UFRJ, a importância de fon-

tes estáveis de financiamento para a manutenção da estrutura das universidades”, afirma a presidente da AdUFRJ, professora Mayra Goulart. “Estamos defendendo a construção de um sonho de instituições mais incluídas e importantes para o desenvolvimento do país”.

O Observatório propõe reproduzir, em escala federal, o mesmo mecanismo aplicado para as universidades paulistas. “Nas nossas pesquisas, percebemos que o modelo de financiamento que funciona é o padrão das estaduais paulistas. A vinculação das receitas das universidades à

receita tributária é uma medida que protege as instituições da instabilidade orçamentária que tem se instaurado na última década”, afirma a economista Letícia Inácio, responsável pelos estudos orçamentários da organização.

Os parlamentares confirmados estão à frente de discussões da Educação. Um exemplo é a deputada Socorro Neri (PP/AC), que já foi reitora da Federal do Acre. Além dela, estarão presentes os deputados Tadeu Veneri e Ana Pimentel (PT/PR e PT/MG, respectivamente), líderes da Frente Parlamentar da Educa-

ção com a qual o Observatório atua desde 2019. Já a deputada Carol Dartora (PT/PR) tem sido uma voz importante na busca por maior autonomia orçamentária do setor.

Também estarão representadas no evento a Associação Nacional dos Pós-Graduandos (ANPG), a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e a Academia Brasileira de Ciências. Andes e Proifes também foram convidados.

“O evento irá acontecer em um momento de cruzilhada histórica para o país, pois os da-

dos apresentados mostram que a educação e ciência necessitam de mais investimentos”, defende o presidente da ANPG, Vinícius Soares. “A alta na evasão da graduação e aumento significativo da evasão na pós demonstram que, se algo não for feito, o Brasil poderá enfrentar uma crise grave na formação de quadros técnicos de alto nível. A saída é a construção de um grande plano de reestruturação das universidades com aportes financeiros robustos para assistência estudantil”. (Kelvin Melo)

Educação Física e Dança sem calouros em 2025.1

> Decisão do Conselho de Ensino de Graduação levou em conta relatório da direção da Escola de Educação Física. Cursos sofrem consequências de dois desabamentos e estão sem vestiários

SILVANA
silvana@adufjr.org.br

Não haverá calouros nos cursos de Educação Física e Dança no primeiro semestre letivo da UFRJ em 2025. A

drástica decisão foi do Conselho de Ensino de Graduação (CEG) que aprovou, na última quarta-feira (27), a redução de vagas para todos os cursos da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD). Ao invés dos tradicionais 480 ingressos no ano letivo, a unidade oferecerá 240 vagas para entrada somente em 2025.2. A aprovação não foi unânime e se baseou em um relatório encaminhado pela direção da EEFD ao colegiado. O documento foi construído a partir de negociações com a Pró-reitoria de Graduação (PR-1).

Alguns conselheiros argumentaram sobre a repercussão negativa de fechar o primeiro semestre para novos alunos. “Abrimos um precedente perigoso. Parte da nossa resistência é nos mantermos abertos, funcionando”, advertiu Gabriel Batista, representante dos ex-alunos no CEG. “O desfinanciamento da universidade é um projeto. O que se quer é acabar com a universidade”.

Apesar das preocupações, venceu a defesa da direção da unidade. A Escola enfrenta as consequências de dois desabamentos e segue sem vestiários e salas de aula. “Temos estudantes que precisaram pular um semestre e se desperiodizaram, por conta de tudo que enfrentamos a partir de 2023.2. Eu preciso usar 2025.1 para ajustar esses alunos”, justificou o vice-diretor, professor Alexandre Palma.

“Temos que pensar o que é um estudante sair da piscina e pedir para o outro fazer uma ‘toalhinha’ para ele trocar de roupa”, completou a professora Kátia Gualter, diretora da EEFD. “Isso é ultrajante”.

CONSUNI

A suspensão do ingresso de novos alunos no primeiro semestre da EEFD repercutiu também no Conselho Universitário da quinta-feira (28). Melanie Caires, presidente do Centro Acadêmico da Educação Física, lamentou a medida, mas disse não ver outra saída. “Todos estão muito divididos”. A estudante fez a referência de que, se esta medida tivesse sido adotada ano passado, quando houve os desabamentos, ela mesma não teria ingressado na EEFD.

“Mas temos que pensar a que custo. Estou tendo aula de basquete: tem 70 alunos na quadra por quatro horas. Porque a carga horária teve que ser dobrada e só temos um banheiro para usar”, relatou. “Estamos muito prejudicados. Não tem como cursar o ano que vem, nesse sacrifício, de novo”.

As aulas de natación aconteceram no Clube dos Empregados da Petrobras. “São 200 pessoas em duas raíais, porque as outras são reservadas para os sócios do clube. Muita gente está trancando o curso”.

Pró-reitora de Graduação, a professora Maria Fernanda Quintela informou que a adesão da UFRJ ao sistema SISU já seria formalizada na quinta-feira (28). Nesta segunda, o sistema



reabre e as universidades podem apresentar retificações até a próxima sexta. “Se alguém quiser fazer um recurso ao Consuni deve fazer neste tempo”, disse, quando perguntada sobre a possibilidade de alterar o ingresso para os cursos de Educação Física. Mas não há sessão prevista para esta semana. “Só se for uma sessão extraordinária”, completou.

Ela explicou que o plano original era finalizar o período acadêmico dos estudantes afetados pela crise na EEFD até março do ano que vem. “Foram procuradas todas as soluções. Eles iriam repor as atividades práticas que não foram oferecidas no primeiro período de 2024 agora no período de verão. Como houve atraso das obras no ginásio, precisamos do período de verão

para fazer as aulas de 2024.2”, justificou.

A previsão da administração central é que, em março, sejam instalados contêineres que servirão de vestiários e salas de aula. “Os ginásios estão concluídos, iluminados e liberados e entrarão em funcionamento esta semana. Já os vestiários vão permitir que os alunos possam usar as piscinas, além das quadras”, destaca. “A partir de agosto, teremos o segundo semestre com a entrada de calouros”.

NOVO CALENDÁRIO

A medida extrema é acompanhada da alteração de calendário acadêmico para os cursos da EEFD. Pela decisão, as disciplinas práticas que foram mais impactadas pelos desabamentos serão estendidas até 28 de fevereiro. Haverá recesso

de Natal e Ano Novo e férias em janeiro.

Outra decisão aprovada foi a suspensão do Teste de Habilidade Específica (THE) para o curso de Bacharelado em Dança em 2025. A seleção poderá ser retomada em 2026.

VEJA COMO FICARAM AS VAGAS DA EEFD PARA O SISU 2025:

2025.1

- Licenciatura em Educação Física: zero
- Bacharelado em Educação Física (integral - tarde): zero
- Bacharelado em Educação Física (noite): zero
- Bacharelado em Dança: zero
- Licenciatura em Dança: zero
- Teoria da Dança: zero

2025.2

- Licenciatura em Educação Física: 100
- Bacharelado em Educação Física (integral - tarde): 40
- Bacharelado em Educação Física (noite): 50
- Bacharelado em Dança: 20
- Licenciatura em Dança: 20
- Teoria da Dança: 10



CEG APROVA CALENDÁRIO: PRIMEIRO SEMESTRE DE 2025 SÓ COMEÇARÁ EM 24 DE MARÇO

O Conselho de Ensino de Graduação (CEG) aprovou nesta quarta-feira, dia 27, a proposta de calendário acadêmico para o ano letivo de 2025. As datas serão levadas para o Conselho Universitário e ainda dependem de aprovação do colegiado máximo da universidade.

O primeiro semestre letivo está programado para começar apenas em 24 de março e terminar em 26 de julho. A justificativa para o início tardio é o fato de o Ministério da Educação ainda



não ter divulgado o cronograma do Sistema de Seleção Unificada (SISU). Começar o ano mais cedo poderia prejudicar

os novos alunos. “Não queremos correr o risco de iniciar o semestre com as turmas de calouros esvaaziadas”, argumentou o superintendente de Acesso e Registro da Pró-reitoria de Graduação, Ricardo Anaya.

Além das datas regulares, o CEG aprovou também o período de verão, conhecido como terceiro semestre ou período letivo especial, entre os dias 5 de janeiro e 21 de fevereiro de 2026. Confira ao lado o calendário dos cursos em geral e da Medicina.

CALENDÁRIO ACADÊMICO UFRJ 2025

2025.1

GRADUAÇÃO EM GERAL	24/3 A 26/7
MEDICINA RJ E MACAÉ	10/2 A 12/7
COLÉGIO DE APLICAÇÃO	06/2 A 11/7

2025.2

GRADUAÇÃO EM GERAL	18/8 A 20/12
MEDICINA RJ E MACAÉ	28/7 A 20/12
COLÉGIO DE APLICAÇÃO	29/7 A 19/12



Falta d'água (de novo) deixa alunos sem aula no IFCS/IH

> Problema foi levado até o CEG. Pró-reitora de Graduação disse que não sabia da suspensão das aulas e prometeu reunião com direções dos institutos para avaliar ampliação do calendário

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Dezesseis dias sem aulas em 2024. Essa é a conta feita pelos estudantes dos institutos de História e de Filosofia e Ciências Sociais. O prejuízo nos dias letivos foi provocado por uma sequência de problemas relacionados à água. Primeiro, a contaminação das caixas d'água gerou duas semanas de interrupção nas aulas e obrigou obras emergenciais na rede hidráulica do edifício. Depois, recorrentes faltas d'água causaram desabastecimentos em toda a cidade e impediram as aulas no IFCS/IH — já que o prédio não tem cisterna.

Os alunos foram reclamar sobre os cancelamentos no Conselho de Ensino de Graduação, dia 27. “No primeiro semestre tivemos a interrupção de duas semanas de aulas pela contaminação da caixa d'água do prédio”, lembrou Nata Mesquita de Souza, representante do DCE Mário

Prata no colegiado. “Na última semana, nas vésperas do final do período e com diversas avaliações marcadas, nos deparamos novamente com a falta d'água e com a orientação das direções de suspender as atividades acadêmicas”, afirmou.

Outro problema apontado pela aluna foi a falta de limpeza do prédio, provocada pelo atraso no pagamento dos terceirizados. “Frente a todo esse cenário, precisamos de medidas da universidade. Os estudantes querem ter possibilidade de acessar uma educação pública de qualidade e não perder suas aulas por situações que deixaram de ser excepcionais para se tornarem regra”, reclamou.

A pró-reitora de Graduação, professora Maria Fernanda Quintela, se mostrou surpresa com a reclamação dos estudantes e criticou publicamente as direções dos institutos. Afirmou que não sabia dos cancelamentos de aulas e prometeu se reunir com os diretores. “Eu lamento muito que determinadas unidades que estão tendo problemas

estruturais e suspendem aulas não tenham informado formalmente à pró-reitora”, reclamou. “Não é novidade que temos um orçamento reduzido, mas fazemos um esforço para informar tudo o que está acontecendo na nossa universidade”, defendeu-se a dirigente.

Maria Fernanda reconheceu que as unidades são autônomas para tomar decisões, mas afirmou que a responsabilidade sobre a graduação é dela. “Há uma autonomia para cada um dos locais, mas suspender aulas depende, no mínimo, de uma informação à pró-reitora de Graduação”.

A docente subiu ainda mais o tom da crítica. “Os nossos estudantes estão sem aula? Por que eu não sei? Obrigada aos estudantes que foram os únicos que tiveram consideração de vir me procurar oficialmente para discutir o problema”.

Ao Jornal da AdUFRJ, a pró-reitora reforçou que realizará nesta semana uma reunião com as direções e estudantes “para ter

a dimensão da situação”.

SEM PREJUÍZOS

Diretor do IFCS, o professor Fernando Santoro explicou que a reitoria foi oficialmente informada sobre o primeiro problema da água e que os reparos na rede hidráulica só foram possíveis pela cooperação entre as partes. “Além disso, as direções também informaram à sociedade, por manifesto”, lembrou.

Santoro alegou, ainda, que a direção do instituto consultou as coordenações de cursos sobre a possibilidade de ampliação do calendário para reposição de aulas. “As coordenações não viram nenhuma necessidade de alterar o calendário. Portanto, não há, até o momento, razão para acionar a PR-1 ou o CEG”, pontuou Santoro.

Sobre a última semana de suspensão de aulas, Santoro informou que o calendário já previa a possibilidade de liberação das turmas para a Semana de Integração Acadêmica e que não houve prejuízos aos estudantes. “Mantivemos o bandeirão aberto,

as atividades inadiáveis foram realizadas e o prédio seguiu em funcionamento com o uso de carros-pipa”.

O IFCS terá nova reunião da Congregação na próxima quarta-feira. “Levaremos à PR-1 o que for decidido”.

Diretora do Instituto de História, a professora Marta Mega de Andrade afirmou que se surpreendeu com as críticas públicas da pró-reitora. “Não vimos a necessidade de entrar em contato com a PR-1 se não havia alteração de calendário”, justificou. “Essa semana, no entanto, um professor pediu a extensão do período para o lançamento de notas. Então, aguardamos uma reunião com a pró-reitora para discutir essa possibilidade. Até quarta passada não era esse o caso”, explicou.

A docente não vê necessidade de repor aulas, mas reconhece que o prazo está apertado. “Se nenhum outro imprevisto acontecer, todos os professores conseguirão fechar o semestre. O mais difícil mesmo é lançar todas as notas a tempo”.

mais orçamento. Não há como manter nossas atividades e já foi dito que o aumento do orçamento para o ano que vem será de apenas 4%”, completou.

A AdUFRJ, representada pela diretora Veronica Damasceno, acompanhou a reunião entre a reitoria, Sintufrj, empresas e vigilantes.

TENSÃO

Antes do desfecho positivo, porém, o clima era de tensão no Consuni, com dezenas de vigilantes segurando cartazes

de greve. “Tem luz sendo cortada, gente sendo despejada. Eles não aguentam mais”, disse o presidente do Sindicato dos Vigilantes do Município do Rio de Janeiro, Humberto Rocha. “Estamos fazendo um apelo. Liberem esse orçamento. Isso não é greve, é uma manifestação, mas vamos paralisar as atividades e o campus vai ficar sem vigilantes”.

O reitor Roberto Medronho reconheceu a dívida, mas explicou que as firmas deveriam manter os pagamentos, de acordo

com a legislação federal. Pela lei de licitações, o contrato só pode ser encerrado com atraso de pagamento superior a dois meses, contado da emissão da nota fiscal. “Nós reconhecemos o atraso da universidade, mas a empresa não está cumprindo o contrato que ela assinou. Ela tem que ter lastro para pagar os funcionários a despeito dos nossos atrasos”, criticou. “Vocês têm toda minha solidariedade. Devo desculpas a vocês”. (Kelvin Melo)

#OrgulhoDeSerUFRJ

Universidade demonstra exuberância com a SIAC

> Semana de Integração Acadêmica superou falta de recursos e de água. Mais de 6 mil trabalhos de pesquisa e extensão foram apresentados entre os dias 25 e 29. Evento discutiu mudanças climáticas

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

As mudanças climáticas foram o tema da 13ª Semana de Integração Acadêmica (Siac) da UFRJ, realizada de 25 a 29 de novembro. Foram apresentados 6.495 trabalhos de todos os campos do conhecimento na edição deste ano. Oficinas, minicursos e conferências completaram a programação voltada para a comunidade acadêmica e público externo.

A falta d'água que atingiu unidades da UFRJ por dois dias não impediu a realização das atividades. Os estudantes mostraram com louvor os resultados de suas pesquisas nos campi do Fundão, Praia Vermelha, Caxias e Macaé.

O desabastecimento foi provocado pela manutenção do Sistema Guandu e impactou o Rio de Janeiro e a Baixada Fluminense. Gustavo Makhoul, por exemplo, estuda uma doença negligenciada chamada Cryptococcus Deuterogatti. Mais conhecida como doença do pombo, ela causa graves implicações à saúde — como pneumonias e meningite. Não há tratamento específico e as complicações podem levar o paciente à morte. “A gente estuda a evolução e meios de combater a enfermidade. Ninguém fala sobre essa doença, então é muito importante o papel da UFRJ de buscar tratamentos adequados à população atingida por essa e

outras doenças negligenciadas”, disse.

Para Bárbara Calderano, o ponto mais forte da UFRJ é a possibilidade de aprofundar suas investigações e interagir com pesquisadores de renome. “A universidade nos oferece essa troca contínua. É ótimo participar da Siac e conversar com outros estudantes, professores ou pós-graduandos sobre a pesquisa, ouvir suas sugestões, abrir novos caminhos de estudo”, conta. “Muitas vezes, quando temos dúvida sobre algum artigo, a gente consegue tirar essa dúvida com o próprio autor. Isso enriquece bastante a nossa formação”.

Paula de Paiva completa: “A Siac é a concretização de tudo aquilo que a gente faz no laboratório. É muito gratificante poder mostrar o resultado daquilo que a gente estuda”, diz. A aluna tem planos para o futuro e vê a Semana como oportunidade. “É importante ser avaliada não só pelos meus professores, mas por outras pessoas. É um treinamento para a pós-graduação”.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

A conferência inicial discutiu os desafios impostos pelas mudanças climáticas para o Sul Global (o termo designa os países em desenvolvimento localizados na América Latina, África e Ásia). “O ano de 2024 está caminhando para ser o mais quente observado desde o período pré-industrial”, destacou a professora Renata Libonati, do Instituto de Geociên-



SILVANA SÁ

cias. A velocidade das mudanças climáticas e seus impactos foram tema de sua apresentação. “A gente já ultrapassou 1,5°C acima da média normal do nosso planeta”.

Segundo a pesquisadora, ainda há margem para mitigação, mas é necessário agir agora. “Um grau e meio acima da média em um único ano nos emite um alerta importante. O planeta irá continuar, mas somos nós, humanos, que não iremos aguentar”, afirmou. “O aquecimento global aumenta a incidência de eventos extremos, como ondas de calor, secas e tempestades. A população mais vulnerável a esses eventos é a que está localizada nos países do Sul Global”, explicou.

O calor, para a Renata Libonati,

tem o mesmo efeito das conhecidas doenças negligenciadas: ele mata silenciosamente. “Analizamos 14 metrópoles no país nos últimos 20 anos e houve 50 mil mortes relacionadas a ondas de calor. Esse número é 20 vezes maior do que o de mortes por deslizamento de terra no mesmo período e não há ainda protocolos de adaptação e enfrentamento a ondas de calor no Brasil”, advertiu a professora. A pesquisa da docente apontou que os grupos em maior risco são mulheres e idosos negros, de baixa escolaridade e economicamente vulneráveis.

“Eu diria que o nosso mandacaru está florescendo sem a chuva”, completou a Pró-reitora de Extensão, professora Ivana Bentes. “Ou seja: sem orçamento, com déficit orçamentário gigante e a sociedade brasileira precisa saber disso”, reforçou. Ela elogiou a crescente articulação pedagógica entre a pesquisa e a extensão na universidade. “Quando esse trabalho acontece, potencializa o impacto das ações universitárias nos territórios”, destacou.

ABERTURA

Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, o professor João

contrastes da universidade. “A UFRJ é uma Belíndia e não precisa ser assim. Hoje foi um exemplo claro; um curso que não consegue oferecer vagas para estudantes e, ao mesmo, tem essa apresentação fantástica. Fomos da Índia para a Bélgica em uma hora de reunião”. O docente sugeriu um debate para ampliar as taxas aplicadas a grandes projetos que revertam em melhorias para o conjunto da instituição. “É possível aumentar um pouco o overhead, sim, mas isso não resolve a dramaticidade dos problemas que a gente vive”, respondeu Romildo. “Emendas parlamentares são importantes, mas também não resolvem. O que resolve é orçamento. Temos que fazer política, pressão. Todo esse restante é acréscimo”, completou. (Kelvin Melo)

O DEBATE

Representante dos pós-graduandos, Gabriel Batista comemorou a apresentação. “Temos um cenário em que muitos pós-graduandos vão para a carreira acadêmica por falta de opção. Porque há pouca perspectiva de futuro”, disse. “No cenário de desesperança que vemos hoje, anima ver esse tipo de projeto”.

Já o diretor da AdUFRJ e representante dos Titulares do CCS no Consuni, professor Antonio Solé, utilizou a expressão cunhada pelo economista Edmar Bacha nos anos 70 para falar dos

“A UFRJ É UMA BELÍNDIA E NÃO PRECISA SER ASSIM”

O Parque Tecnológico da UFRJ vai sediar, a partir do próximo ano, um Centro de Inovação para a Neoindustrialização dos integrantes do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são os países-membros originais). O anúncio aconteceu durante um fórum de reitores realizado em outubro, na Rússia, e os detalhes foram informados ao Consuni na semana passada. O reitor da UFRJ participou do encontro.

O objetivo será produzir tecnologias sustentáveis para resolver problemas comuns ao bloco, como mudanças climáticas extremas, desigualdade social e insegurança alimentar. “Esse bloco é muito forte. E, quando entram os outros países, como o Irã e Arábia Saudita, creio que é um polo geopolítico que vai fazer uma

mudança no mundo”, afirmou o diretor do Parque, professor Romildo Toledo, que também viajou para a Rússia e apresentou ao Consuni um balanço da viagem.

Uma das funções do novo Centro de Inovação será ajudar a reter talentos no país. “A indústria brasileira caiu na contribuição para o Produto Interno Bruto, de 23% para 11%. Isso afeta o emprego para jovens que formamos. O país hoje forma 55 mil mestres e doutores. E não temos espaço para todo esse contingente”, disse Romildo. “Nós perdemos nossos talentos para EUA e Europa. Nós precisamos estruturar nosso ecossistema para reter talentos. Dar a eles oportunidade de trabalho de qualidade, que eles vibrem de fazer”, continuou o diretor do Parque.

As apresentações sobre as conquistas internacionais da universidade aconteceram na mesma sessão do Consuni em que a crise da Educação Física e dos vigilantes terceirizados ganharam destaque. Apesar dos problemas, o professor Romildo passou uma mensagem de otimismo: “Nós precisamos

ACORDOS

Além de pavimentar o caminho

VIGILÂNCIA TAMBÉM AMEAÇA PARAR POR FALTA DE PAGAMENTO

Por pouco, a UFRJ não fechou as portas por falta de vigilantes para guardar os campi. No mais recente capítulo da crise de orçamento da universidade, seguradoras terceirizadas compareceram ao Conselho Universitário do dia 28 para protestar contra o atraso de quase dois meses dos salários. Os trabalhadores, liderados pelo sindicato da categoria, indicaram que paralisariam as atividades nos próximos dias se não recebessem seus pagamentos.

A reitoria precisou agir rápido. Naquela mesma manhã, foi garantido um repasse de R\$ 4,2 milhões às empresas, que se comprometeram a pagar os funcionários no dia seguinte. O dinheiro seria retirado de outras rubricas, que ainda seriam definidas pela administração central. “Isso é a cada minuto. A questão fundamental é a do orçamento. É difícil fazer planejamento quando você só tem que apagar incêndio”, comparou o reitor Roberto Medronho. “Vamos precisar ampliar a luta por

mais orçamento. Não há como manter nossas atividades e já foi dito que o aumento do orçamento para o ano que vem será de apenas 4%”, completou.

A AdUFRJ, representada pela diretora Veronica Damasceno, acompanhou a reunião entre a reitoria, Sintufrj, empresas e vigilantes.

LETRAS da SAUDADE

RENAN FERNANDES
comunica@adufrrj.org.br

Fernando Pessoa versou sobre saudades em uma quadrinha que dizia “Saudades, só portugueses / Conseguem senti-las bem. / Porque têm essa palavra / Para dizer que as têm”. Nas últimas semanas, a comunidade acadêmica da Faculdade de Letras mostrou que também possui, preza e pratica a palavra exaltada pelo poeta. Professores, alunos e técnicos choraram a perda de três docentes: Letícia Rebollo Couto, de Letras Espanholas, e Clécio Quesado e Luci Ruas de Literatura Portuguesa. Ao Jornal da AdUFRJ, amigos, familiares e colegas de trabalho comentaram o legado deixado pelos colegas que se encantaram em poesia e deixaram saudades.

Luci Ruas 1948-2024

A professora Luci Ruas partiu deixando um legado de valorização da sala de aula. Docente afetuosa e acolhedora, era conhecida por sua relação próxima com alunos e orientandos. “Luci é um exemplo de professora. Se preocupava mais com a construção do coletivo, do espaço da sala de aula e da universidade, do que com a própria carreira”, recorda a professora Monica Fagundes, amiga, ex-aluna e colega de departamento.

Monica lembra com detalhes do primeiro encontro com Luci. Nos corredores da Faculdade de Letras, entre uma aula e outra, a professora abordou a então jovem estudante no início da pós-graduação e uma colega. “Você não me conhece, mas eu conheço você. Sei que são ótimas alunas e pesquisadoras”, disse Ruas. “Ficamos assustadas, mas ela se apresentou, disse que outros professores comentaram com ela e foi muito gentil, como sempre era”, lembrou Fagundes.

A paixão pelo magistério acompanhou Luci durante toda a vida, desde o início no ensino básico, como professora do Instituto de Educação, até a transição para o ensino superior. A professora Cleonice Berardinelli, orientadora na pós-graduação, foi a responsável por convidar Ruas para dar aulas de Literatura Portuguesa na UFRJ. “Luci era uma pesquisadora de muito destaque, mas era, sobretudo, uma professora. Amava estar em sala de aula”, disse Fagundes.

No setor de Literatura Portuguesa, Luci dava aula de todos os cursos, mas não escondia sua predileção pela narrativa. No mestrado e no doutorado pesquisou a obra do romancista e ensaísta Vergílio Ferreira. A pesquisa acompanhou toda sua trajetória acadêmica até a conferência para chegar ao degrau mais alto da carreira como professora titular, em 2022. Escolheu o romance “Na tua face”, um de seus preferidos, para a apresentação.

A docente continuava ativa na pesquisa e presente na universidade. Recentemente, Luci deu os primeiros passos na pesquisa sobre a poética de Irene Lisboa. Na última troca de mensagens com a professora Monica Fagundes, brincou: “E lá vou eu pela poesia, quem diria?”

“O repertório da Luci era vastíssimo. Ultimamente, vinha trabalhando com um autor do século XXI chamado Afonso Cruz. Como gostava muito de dar aula,



ARQUIVO PESSOAL

estava sempre em contato com a obra de outros autores e isso se refletia na pesquisa dela”, contou a professora.

Ruas foi coordenadora da Cátedra Jorge de Sena para estudos literários luso-afro-brasileiros e fundou na Faculdade de Letras, ao lado das professoras Glória Pondé e Francisca Nóbrega, o curso de especialização em Literatura Infantil e Juvenil nos anos 1980. Foi a primeira pós-graduação lato sensu na área no Brasil a olhar para a literatura infantil além do ensino, estudando e desenvolvendo teoria e crítica. Mesmo após a aposentadoria, a docente continuou como coordenadora do curso e ministrando uma disciplina.

As trajetórias de Ruas e da técnica administrativa aposentada, Georgina Martins, se cruzaram algumas vezes na UFRJ. Georgina foi aluna de Luci na graduação, em 1980, e no curso de especialização, em 1991. Depois, trabalharam juntas durante muitos anos. “Ela era uma professora muito dedicada e generosa, que acreditava e defendia o ensino público com unhas e dentes”. Martins exaltou o legado da professora para a UFRJ e para o campo das Letras. “Além de toda a contribuição para a literatura infantil e para a literatura portuguesa, fica o exemplo de como ela se comportava em sala de aula”, contou. “O carinho com os alunos, o entusiasmo de transformar cada aula em uma aula inspiradora. Esse é o maior legado que um professor pode deixar”.

Letícia Rebollo 1968-2024

Uma virtude da professora Letícia Rebollo Couto era rapidamente notada por todos os estudantes e colegas de trabalho que atravessavam seu caminho na UFRJ: a habilidade em conectar pessoas.

Letícia foi uma semeadora de ideias. Viajava com frequência para seminários e congressos por todo o mundo e retornava repleta de novidades para compartilhar e fomentar a pesquisa de alunos e orientandos. Quando gostava de um livro, comprava vários exemplares para presentear e difundir o conhecimento.

A professora Sonia Reis, diretora da Faculdade de Letras, recordou o caráter incentivador de Letícia. “Ela não deixava ninguém desistir. Pesquisava bibliografia, comprava livros para ajudar. Era fundamental para ajudar os estudantes a lidar com as angústias, com o medo”. A docente não esquece a frase que Letícia repetia como apoio aos alunos. “Cuidado com o medo, porque o medo consome os seus ideais”, lembra.

A escolha da linha de pesquisa em fonética estava alinhada com seus ideais de inclusão. “Letícia sempre foi engajada na proteção das minorias, na luta pela equidade racial e entre os gêneros. Dentro da academia, ela sempre esteve à frente dessas lutas e foi pioneira no seu campo de pesquisa”, disse a professora Reis.

A docente investigava a política linguística e os impactos no ensino do espanhol como língua estrangeira. “Ela defendia a variação dentro do espanhol, que não deve existir um padrão de referência. Muitas vezes, a língua falada na Espanha é usada como referência e todas as outras variantes são observadas a partir do que falta para ser igual. Ela era absolutamente contrária a isso”, afirmou o professor francês Albert Rilliard, marido de Letícia.

“A realidade não é um destino, é um desafio”. O ensinamento de Eduardo Galeano era um norte para as ações da professora. Durante a crise recente de falta de pagamento aos trabalhadores terceirizados da unidade, Letícia brigou pela defesa dos direitos trabalhistas e participou de campanhas de arrecadação para minimizar as dificuldades. Estava nas trincheiras também por melhores condições para os alunos mais vulneráveis, chegando a oferecer café da manhã para alguns de seus estudantes.



ARQUIVO PESSOAL

A professora também trabalhou em pré-vestibulares sociais e com a integração de imigrantes de língua espanhola. “Ela não apenas se envolvia, mas levava também os alunos da faculdade para as escolas públicas e para o trabalho com os imigrantes como forma de desenvolver uma consciência política e social”, revelou o professor Miguel Mateo.

Natural de Barcelona, Mateo estava a caminho da Universidade de Brasília até ser acolhido por Letícia, que o convenceu a fazer o concurso para a UFRJ. “A chegada num novo país para um migrante é sempre muito difícil. Albert e Letícia abriram a porta de casa para mim e me acolheram nesse momento. Nunca me esquecerei disso”.

Letícia foi coordenadora da pós-graduação em Letras Neolatinas e trabalhou para elevar o programa ao conceito seis da Capes, que atesta a excelência internacional. “Ela teve uma dedicação enorme durante a pandemia para conseguir isso. Essa classificação trouxe muito mais bolsas e investimento no programa”, revelou Rilliard.

A professora se desdobrava em várias dentro da Faculdade de Letras. Foi coordenadora da graduação em português/espanhol, atuava junto ao Complexo de Formação de Professores e estava à frente do Núcleo Docente Estruturante, que trata da gestão acadêmica dos cursos de graduação. “Letícia estava sempre presente na faculdade. Entendia profundamente o significado de ser servidora pública. Quando tivemos problemas com a formação de bancas recentemente, foi a primeira pessoa para quem liguei em busca de ajuda”, rememorou a professora Sonia. “É uma pessoa insubstituível”.

ARTIGO



ELEONORA ZILLER
CAMENIETZKI
Professora da
Faculdade de
Letras e
ex-presidenta da
AdUFRJ

Há 42 anos, em março de 1982, eu assisti às minhas primeiras aulas no curso de Bacharelado em Letras, Português e Literaturas de Língua Portuguesa. Desde lá, acompanho a vida da nossa Faculdade, às vezes um pouco mais distante, às vezes de modo muito próximo e intenso. Dos professores que me formaram, alguns permanecem em atividade, mas hoje são poucos. Ao mesmo tempo, começam a chegar às salas de aulas docentes que vieram na faculdade como estudantes.

Há muita beleza nesse movimento. É preciso aprender a ser parte dele, e percebê-lo com leveza e alguma alegria. Penso que esse é um grande privilégio da nossa profissão, porque convivemos por muito tempo com quem nos formou, e vamos acompanhando aqueles que vão se formando com o nosso trabalho, mesmo que

estejam em outras universidades. O período em que ficamos afastados por conta da pandemia foi uma interrupção dolorosa desse processo, com muitas despedidas que não se realizaram plenamente, abraços que não sentimos, lágrimas que não foram compartilhadas. É uma delicada rede que se rompe, como se a passagem entre as gerações ficasse suspensa, aguardando que um fio ténue voltasse a construir a nossa teia de cantos e de luz. Retomamos recentemente, ainda que de forma muito modificada, as nossas rotinas e as nossas chegadas e partidas. Mas ainda que seja esperado que tenhamos sempre um adeus a dar numa comunidade tão grande, a surpresa de perder alguém de modo repentino — alguém que está conosco pelos corredores, que encontramos no café — é sempre uma dor a mais.

Assim perdemos a Letícia Rebollo: estava conosco num dia, e no outro já não estava mais. Cada um de nós tinha uma história para contar, algum momento em esteve com ela, alguma comissão, algum debate, e nos damos conta do quanto ela se dedicava, em tantas frentes, por tanto tempo. Nela estava tão presente o que poderíamos chamar de “nossa alma”, da

nossa faculdade: alegria, compromisso institucional, rigor acadêmico, atenção política, participação generosa, vontade inabalável de fazer do mundo um lugar melhor para se viver...

E, em poucos dias, quando mal havíamos nos recuperado do susto de sua partida, o tão temido e-mail de pesar da direção da Faculdade nos é enviado com a notícia de que também Luci Ruas havia partido. Foi minha professora, e de tantos e tantas de nós. Estava já aposentada. Esperávamos o dia em que poderíamos retribuir tamanha dedicação com a entrega do título de professora Emérita da UFRJ. Foram décadas de trabalho ininterruptos, com aquela mesma “alma da Letras” que encontrávamos na Letícia. Quando me tornei professora, em 2006, ela estava por perto, com o carinho e a atenção de sempre, sem retórica, mas com a firmeza de seu exemplo, me lembrando que o exercício da docência implica sempre em um alto compromisso ético e político inseparáveis.

E, em poucos dias, perdíamos o Clécio Quesado, às vésperas de completar 80 anos, o que significa que perdemos também uma festa daquelas! Em 2016, ele havia recebido a Medalha Minerva de Honra ao Mérito, homenagem por tantos

anos de dedicação intensa à UFRJ. E se insistiu em falar nessa nossa “alma da Letras”, é porque no Clécio ela também estava inteira: alegria, compromisso institucional, rigor acadêmico, atenção política, participação generosa, vontade inabalável de fazer do mundo um lugar melhor para se viver... O ano de 2024 havia começado com uma grande despedida, pois, em fevereiro, perdíamos o nosso amado Edwaldo Cafezeiro. Expressão maior de “nossa alma”, Café se foi aos 93 anos, mas bem que poderia ter ficado conosco até os 106, como Cleonice-Berardinelli...

Enfim, um ano de muitas despedidas, e um novembro de luto prolongado. Nós que aqui estamos ficamos com a responsabilidade de fazer com que essas trajetórias não tenham sido em vão. Que tenhamos a força e a alegria necessárias para que “nossa alma” sobreviva, cresça, ocupe corações e mentes das novas gerações, que se modifique, mas que não se esqueça nunca de onde veio. Vida longa para a Faculdade de Letras da UFRJ, porque precisamos muito dela para enfrentarmos o que se desenha para os próximos anos!

Clécio Quesado 1945-2024

Em 1961, o jovem José Clécio Quesado deixou a pequena Missão Velha, no Cariri cearense, em direção ao Rio de Janeiro com uma mala de roupas e um conselho de seu pai. “Vá estudar, virar doutor, mas nunca esqueça de ajudar os outros”, recordou a filha mais velha de Clécio, Mirna Quesado, das histórias que o pai gostava de contar.

O primeiro passo da lição foi cumprido com excelência. O estudante dedicado, aluno de Afrânio Coutinho e Rocha Lima no Colégio Pedro II, ingressou no curso de Letras da Faculdade Nacional de Filosofia, em 1965. Logo após a graduação, em 1969, tornou-se professor da recém fundada Faculdade de Letras da UFRJ. Foi o início de uma trajetória de cinco décadas de dedicação ao ensino e à universidade.

A literatura portuguesa virou objeto de pesquisa no mestrado e no doutorado. Colegas lembram que a professora Cleonice Berardinelli, orientadora de Clécio, o considerava seu herdeiro intelectual quando o assunto era Fernando Pessoa.

Mesmo com o passar dos anos, a segunda parte do conselho de seu pai nunca foi esquecida. Em Xerém, onde encontrou refúgio desde os anos 1980, virou referência e ficou conhecido entre a comunidade como “o professor”. “Ele era uma pessoa que sabia dar valor às pessoas. Talvez sejam milhares de pessoas ajudadas pelo meu pai”, ponderou Mirna.

O professor João Baptista Vargens foi surpreendido pela quantidade de pessoas que foram ao velório homenagear e agradecer. “Um rapaz de Xerém apareceu chamando-o de segundo pai, porque ele socorreu a família depois que o patriarca foi embora. Sou amigo do Clécio há décadas e não sabia de nada disso”, afirmou.

Além das funções acadêmicas, o docente cumpriu um importante papel administrativo na universidade. Foi nomeado pelo professor Edwaldo Cafezeiro como diretor de assuntos administrativos durante o período de mudança da Facul-



ARQUIVO PESSOAL

A vontade de transformar o mundo fez Clécio Quesado ser engajado no movimento estudantil e na luta sindical durante toda a sua vida. O professor era filiado à AdUFRJ desde a fundação, em 1979.

dade de Letras da Avenida Chile para a Cidade Universitária, em 1985. “Foi um trabalho hercúleo durante aquele verão para preparar o prédio novo. Saímos de um prédio pequeno e tivemos que montar a estrutura num prédio muito maior”, lembrou o professor João Baptista. “O trabalho duro do Clécio foi fundamental para viabilizar a mudança”.

A vontade de transformar o mundo fez Clécio Quesado ser engajado no movimento estudantil e na luta sindical durante toda a sua vida. O professor era filiado à AdUFRJ desde a fundação, em 1979.

Levou para outras áreas de atuação o mesmo rigor e seriedade aplicados na vida acadêmica. Foi julgador de enredo do desfile de escolas de samba do Rio de Janeiro e se dedicou com afinco no estudo e na observação dos cortejos antes de distribuir as notas. O caráter inflexível quanto aos critérios de julgamento

provocou uma saia justa após uma nota baixa para sua querida Portela. “O pessoal da velha guarda lá em Oswaldo Cruz ficou chateado. Ele explicou, disse que tinha que ser imparcial, mas a turma que é movida pela paixão não entendeu bem”, disse Vargens.

Entre amigos e familiares, o bom humor é um traço do professor que jamais será esquecido. Mirna relembra com carinho o último caso contado pelo pai. Certa vez, como representante estudantil, foi pedir o aval de Manuel Bandeira para a publicação de um livro de poesias dos estudantes. O poeta leu o soneto que Clécio escreveu para a namorada, que seria futura esposa, e julgou “bonito, mas parnasiano demais, meio antigo”. “Rimos muito dessa história. O Bandeira velho, já com seus 80 anos, mostrou para o menino de 20 e poucos que ele parecia fora de seu tempo”, contou entre risos.

PESQUISA CENSURADA

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

THIAGO DEZAN/LABNET

A Ciência incomoda o autoritarismo. A prova mais recente é a ação movida pelo Partido Novo junto ao Tribunal de Contas da União (TCU) contra o Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais (NetLab), da UFRJ. O partido acusa o NetLab de receber verba pública para “defender o governo Lula”. Criado em 2013, o laboratório se tornou referência nos estudos sobre desinformação e tem sido importante ator na desarticulação de notícias falsas nas redes sociais veiculadas por perfis de extrema direita. O grupo também estuda os efeitos dessas fake news na sociedade brasileira. Outro eixo de suas pesquisas demonstra como as grandes empresas de tecnologia se associam e lucram com a desinformação.

O Partido Novo questiona especificamente um convênio firmado em 2023 com o Ministério da Justiça e o Ministério das Mulheres, no valor de R\$2,3 milhões. A pesquisa investiga a “indústria da desinformação e seu impacto nas relações de consumo do Brasil”.

O que o Partido Novo faz tem nome. A prática é conhecida como lawfare (guerra jurídica). O termo representa o uso do Direito como arma de ataque e tem sido largamente usado nos Estados Unidos. Por lá, a extrema direita conseguiu fechar as portas de laboratórios que também investigavam o fenômeno da desinformação pelos altos custos dos processos.

A denúncia do Novo foi acatada pelo ministro do TCU, Augusto Nardes. De biografia questionável, ele determinou o envio de dados e depoimentos de pesquisadores vinculados ao laboratório. Rose Marie Santini, professora associada da Escola de Comunicação e diretora do NetLab, é uma das investigadas pelo TCU. Nesta entrevista, ela explica o que está em jogo.

■ **Jornal da AdUFRJ - O NetLab é reconhecido por suas pesquisas e análises sobre os impactos das fake news. Acha que esse é o motivo dos ataques que vem recebendo?**

● **Rose Marie Santini** - Certamente. O que está em questão é que esses estudos têm incomodado muito a estratégia de governar da extrema direita. Eles entendem que os atrapalhamos e por isso entraram com essa estratégia de “lawfare”. Houve tantos processos nos Estados Unidos, que alguns laboratórios que desempenhavam pesquisas semelhantes às nossas fecharam. O de Stanford, por exemplo, foi um que encerrou suas atividades. O laboratório também era liderado por uma mulher. Os pesquisadores americanos estavam censurados e com medo. A gente passa por todo o procedimento científico, com avaliação do nosso trabalho por pares, mas eles não têm apreço pela Ciência. Isto não é diferente do que já aconteceu em outros momentos da História, quando a Ciência questionava os poderes absolutos, o funcionamento do universo, e se tornou alvo de ataques.

■ **Como o NetLab recebeu a notícia da abertura de investigação pelo TCU?**

● Nós ficamos muito assustados porque eles dizem que colocamos pessoas para trabalhar em eleição. O que é uma completa inverdade. Eles estão questionando o mérito do projeto e querem politizar o nosso trabalho. Nós estamos sendo perseguidos mesmo, inclusive aumentamos as nossas medidas de segurança. Vivemos esse cenário de censura do trabalho dos pesquisadores e ameaças à liberdade de cátedra. Nós somos acadêmicos. Somos um grupo de pesquisa ligado à pós-graduação. Os alunos estão com medo, não querem aparecer, fecharam seus perfis nas redes sociais. Nesse momento em que precisamos estimular os alunos a falar, escrever artigos, a aparecer, essa situação os deixa paralisados.

■ **A senhora e os demais pesquisadores já foram ouvidos pelo TCU?**

Ainda não. Estamos aguardando a fase de apresentar as informações para a

Corte e sua área técnica.

■ **O Novo afirma que o grupo de pesquisa realizou estudos enviesados com dinheiro público. Como a senhora responde a este tipo de acusação?**

● É uma completa falácia. Nosso estudo é técnico. A gente lida com dados, com Big Data. Esses estudos são avaliados por pares. Setenta por cento do nosso financiamento é via filantropia privada. Há um duplo interesse. De um lado, um grupo político que quer dizer que tudo é opinião. Por outro lado, as big techs dizem que nós não temos dados para realizar esses estudos. Tudo isso para não desvelar os danos sociais que essas big techs causam e que esses grupos políticos implementam. A desinformação é parte do negócio. Fica claro que esse é um modelo de governar. Eles querem manipular sem que ninguém conte a estratégia de comunicação deles. Nós não vamos ceder. Temos autonomia universitária e liberdade de cátedra. Aceitar isso é dizer que a política pode definir a pesquisa. O que está em questão é o que vamos fazer diante dessas tentativas de censura aos pesquisadores que estão sendo perseguidos e ameaçados – inclusive fisicamente.

■ **O partido questiona especificamente um convênio com o Ministério da Justiça. Qual foi o escopo desse projeto e quais resultados a pesquisa apontou?**

● Foram R\$ 2 milhões do Ministério da Justiça e R\$ 300 mil do Ministério das Mulheres. O nome do projeto é “Observatório da Indústria da Desinformação e seu Impacto nas Relações de Consumo no Brasil”. Nós mostramos o uso de perfis de políticos com serviços de publicidade para a realização de golpes e fraudes. As big techs são sócias disso porque ganham dinheiro com esse tipo de ação. São várias entidades vítimas desses golpes, que incluem imagens também de celebridades para lesar consumidores. Também fizemos o estudo com o Programa Desenrola Brasil. A gente mostrou que estelionatários utilizaram o programa para dar golpes,



como se fosse uma negociação de dívida. Nós colocamos esse debate na agenda nacional, com a produção de mais de cem matérias na imprensa. Estamos mostrando que são necessárias medidas e políticas públicas para que esses consumidores deixem de ser lesados.

■ **O que espera a partir deste episódio?**

● Espero uma coalizão da comunidade científica. É importante que a gente se mobilize enquanto universidade, porque atacar o NetLab é atacar a UFRJ, é atacar os pesquisadores. Nos Estados Unidos, as universidades que lidam com laboratórios de pesquisa como o nosso são privadas e ficou muito caro lidar com esse lawfare. Houve um cálculo financeiro mesmo. A gente precisa entender que a pesquisa de ponta tem que permanecer na universidade pública, que é a instituição que pode resistir a esse tipo de ataque. O Partido Novo acredita no fundamentalismo de mercado e está aliado às big techs, que são as grandes financiadoras deste discurso. Eles se aliam de maneira ideológica. Então, precisamos entender a missão da universidade pública especialmente nesse momento histórico e estar mais unidos. Faz parte do nosso trabalho essa luta incessante pela democracia e em defesa do nosso próprio trabalho. Precisamos pensar no que fazer para impedir esse tipo de perseguição.

■ **Como vê o cenário nesse campo da desinformação para 2026?**

● Eu já estou preocupada com 2025. Já temos agora, em 2024, o Trump eleito. Ano que vem, um dono de big tech assume o governo. Haverá o debate sobre a regulamentação das redes, por exemplo. O debate sobre a manipulação e a desinformação, que prepara o que será 2026, já vai começar agora. Tudo isso é construído muito antes. A extrema direi-

ta está criando cultura, visão de mundo e isso leva tempo, não é do dia para a noite. Se não reagirmos, vai haver aqui uma versão piorada do que houve lá nos Estados Unidos.

■ **É possível pensar em algum avanço em meio a tanto retrocesso?**

● Estamos num governo progressista, somos uma universidade pública e temos importância e inserção no debate social. Precisamos aproveitar o governo democrático que temos para criar soluções, para criar trincheiras e resistir. Essa é a nossa chance.

QUEM É AUGUSTO NARDES

A biografia de Augusto Nardes mostra que o ministro que abriu o processo contra o NetLab tem lado. E não é o da democracia. Administrador por formação, ele iniciou sua carreira política pelo Arena, como vereador, na ainda na década de 1970. Foi deputado estadual e federal até 2005 por siglas que substituíram o Arena e se fundiram até o atual Progressistas. Assumiu como ministro do TCU em 2005, após pressão do então presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti. Em 2015, foi o relator da análise das contas presidenciais e rejeitou as contas de 2014 da presidente Dilma Rousseff. O veto deu o enredo necessário ao golpe contra a primeira mulher a presidir o Brasil. Em 2022, Augusto Nardes teve áudios vazados em que demonstrava apoio aos atos antidemocráticos que pediam golpe militar no Brasil, após a derrota de Jair Bolsonaro. Com a repercussão, afirmou que gravou as mensagens “apressadamente” para um grupo de amigos e pediu licença médica.